

volta(re)volta(re)volta(re)volta(re)volta(re)volta(re)volta(re)volta(re)

Na antiguidade, a revolta era concebida como o ato de voltar a experimentar o já vivido, ou de tornar novo o conhecido. Com o tempo, o sentido se reduziu, restringindo o significado da palavra revolta ao ato de rebelião, ou insubmissão.

Enquanto no Ocidente a realidade será constituída por meio de pares de opostos como vida e morte, verdade e mentira, masculino e feminino, certo e errado, entre outros, no Oriente a referência do *Tai Ji* – o Pólo Supremo, estruturado pelos pares complementares *yin* e *yang* – trará para as pessoas o necessário balanço e revelará que os opostos se atraem e complementam.

Assim, antes de se configurar como ato de desordem, perturbação ou indignação, a revolta, na filosofia oriental, será entendida como exercício de conhecimento.

Nesse contexto, *(re)volta* de Carmen Gomide deve ser compreendida como rito de passagem, movimento de auto-conhecimento, da parte que se quer todo, revendo e re-interpretando a sua própria história, pessoal e coletiva.

A idéia, de Jerzy Grotowsky, de que o *performer* “é um fazedor de pontes”, é central em *(re)volta*. Em *O Performer*, Grotowski identifica a trajetória do artista da performance com a do guerreiro, onde “perigo e sorte caminham juntos”. Certos de que a memória corporal despertará e se atualizará no momento da ação, ambos entregam-se ao desconhecido.

Em *Sentido e contra-senso da revolta*, Julia Kristeva (outra importante referência no processo de criação de Carmen Gomide), ao discutir o papel da revolta no processo psicanalítico e sua atualidade na sociedade, constata que a revolta deve desafiar a arte e a “cultura-show” contemporâneas. A busca por uma arte e uma “cultura-revolta”, manterá viva a independência e a capacidade criativa do artista que assumirá, nesse contexto, o papel de “doador de sentido”.

Na criação de Carmen Gomide, o ato de revolver e voltar a experimentar o já vivido, terá como motivação integrar os opostos.